

AS GINÁSTICAS DO ENTORNO: O RECONHECIMENTO DA CULTURA CORPORAL DA COMUNIDADE COMO PRINCÍPIO CURRICULAR

Pedro Xavier Russo Bonetto

EMEF Julio Mesquita

Resumo

O relato em questão descreve um projeto de educação física realizado durante três bimestres 2013 em uma escola municipal de São Paulo. O trabalho foi realizado com uma turma de 9º ano do ensino fundamental e se respaldou no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e no currículo oficial do município de São Paulo. Pautados no currículo cultural do componente, tematizamos as ginásticas praticadas no entorno escolar: musculação, ginástica localizada e yoga. Por meio de um trabalho em grupo mapeamos os locais de prática, entrevistamos praticantes, professores de ginástica e um proprietário de academia. Durante o projeto ressignificamos no ambiente escolar os exercícios observados, analisamos os motivos que levam as pessoas a escolherem determinados locais para praticarem ginástica, bem como os objetivos dos praticantes em relação a essas práticas da cultura corporal.

Palavras-chave: Educação física. Currículo Cultural. Ginásticas.

Introdução

O relato em questão descreve um extenso projeto de educação física realizado em três bimestres de 2013, na escola municipal de ensino fundamental (EMEF) Julio Mesquita, no município de São Paulo. Tal projeto foi realizado com quatro turmas de 9º ano do ensino fundamental- ciclo II (antiga oitava série), observando prioritariamente, os apontamentos do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar. Este por sua vez, influenciado pelo programa do governo federal “Mais Educação¹” e pela proposta do Instituto Paulo Freire de Educação para a Cidadania Planetária².

Nos baseamos também no documento curricular do município de São Paulo, as “Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo I e II - Educação Física”. Este posiciona a educação física dentro da área da linguagem, sob os referenciais do currículo cultural da educação física (SÃO PAULO, 2007):

¹ “A proposta educativa que este Programa quer evidenciar articula-se a partir da compreensão de uma escola que baixa seus muros e encontra a cultura, a comunidade, a cidade em processos permanentes de expansão e criação de territórios educativos” (BRASIL, 2012).

² Os projetos e ações de um Programa de Educação para a Cidadania Planetária pressupõem estratégias para repensar o modelo de sociedade atual e propor novas formas de aprendizagem e novas políticas de gestão ambiental participativa, na perspectiva de promover valores e conhecimentos voltados ao exercício de uma cidadania planetária. In:<<http://www.paulofreire.org/cidadania-planetaria>>

Nesta concepção, a Educação Física deve garantir ao educando o acesso ao patrimônio da cultura corporal historicamente acumulado por meio da **experimentação** das variadas formas com as quais ela se apresenta na sociedade, **analisar** os motivos que levaram determinados conhecimentos acerca das práticas corporais à atual condição privilegiada na sociedade, como também, **refletir** sobre os conhecimentos veiculados pelos meios de comunicação de massa e os saberes da motricidade humana reproduzidos pelos grupos culturais historicamente desprivilegiados na escola (p.34, grifo do autor).

Sobre o currículo cultural da educação física, Neira (2011), afirma que este empreende a possibilidade de diálogo entre as culturas e de convivência e partilha coletiva com o diferente, desestabilizando a noção de que existem culturas particulares autênticas. Nessa perspectiva, o referido currículo recorre a uma variedade de atividades de ensino, a fim de reconhecer as leituras e interpretações dos alunos acerca das manifestações objeto de estudo. Consoante a esse currículo segue o entendimento de uma educação multicultural crítica, como proposta por McLaren (1997). Essa se apoia no pós-modernismo de resistência e desencadeia debates sem ocultar as suas conexões com as relações materiais, reintegrando ou diferenciando o cultural e o econômico, o simbólico e o material.

Terminando a caracterização desse currículo cito que ele se enquadra nas teorias pós-críticas da educação. Como descrito por Silva (2011), as teorias pós-críticas se caracterizam por ampliar e, ao mesmo tempo, modificam aquilo que as teorias críticas nos ensinaram. As teorias pós-críticas continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais está envolvido. Ainda de acordo com esse autor, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade.

Mesmo com o tema comum: Ginásticas, com as outras turmas, outros devires, problematizações e tematizações aconteceram. Desse modo, as atividades pedagógicas aqui descritas tomam como base a descrição do projeto com a turma A.

Desenvolvimento

As turmas do 9º ano tiveram na educação física desde o 7º ano: Parkour, Handebol, Voleibol, Capoeira, Hip-Hop e Funk. Desde o final do ano letivo anterior, os/as estudantes já sabiam que o tema das aulas seria alguma modalidade de ginástica, isso porque já tínhamos estudado esportes, danças e lutas, faltavam as ginásticas.

Atendendo aos apontamentos do Projeto Político Pedagógico, no que diz respeito à valorização e aprofundamento dos conhecimentos e saberes da comunidade escolar e

aproximação do espaço escolar de outros espaços públicos, ficou decidido que tematizaríamos alguns tipos de ginástica que são praticadas nos bairros da proximidade da escola³.

Primeiro fui ao Parque do Trote, na zona norte de São Paulo, próximo a minha residência, porém distante da escola e do seu entorno. Fiz uma etnografia utilizando câmera filmadora e fotográfica, sobre as ginásticas que aconteciam naquele local. Filmei o parque e entrevistei os frequentadores que estavam praticando algum tipo de ginástica: Perguntei por que faziam naquele local, qual tipo de ginástica faziam, onde aprenderam os exercícios, qual o objetivo deles em relação à prática da ginástica, e se eu poderia filmar algum exercício.

Sem editar os vídeos apresentei e solicitei que fizessem um trabalho parecido com o que eu tinha feito. Quatro perguntas orientariam o trabalho: 1) Quais tipos de ginásticas eram praticadas no bairro? 2) Quais os locais de prática? 3) Quais os objetivos das pessoas em fazer ginástica? 4) Por que as pessoas escolheram aqueles locais e não outros? Formamos alguns grupos e todos tiveram duas semanas para trazerem seus trabalhos.

Enquanto isso, fizemos alguns exercícios que tínhamos visto nos vídeos do parque do Trote. Ainda durante o mapeamento, soube que dois alunos faziam musculação em uma academia perto da escola. Pedi para que eles me trouxessem suas fichas de treino. No dia seguinte, levei uma ficha de treino encontrada na internet, junto com as fichas dos alunos, analisamos as semelhanças e diferenças entre as fichas. Vimos diferença em nomear os grupos musculares, (“dorsais” em uma, e em outras “costas”, umas incluía “panturrilha” na divisão denominada “perna”, outras separava) vimos também que os mesmos exercícios podiam receber nomes diferentes, (enquanto um era “puxador costas”, outro era “pulley costas”). Os alunos que já praticavam musculação conseguiram explicar alguns exercícios, assim, nas aulas seguintes levei alguns equipamentos (uma barra média, três pares de barrinhas com presilhas de montar, conjunto de anilhas de um a cinco quilogramas e um par de anilhas de dez quilogramas). Usamos também colchonetes, uma cadeira e a parte superior de um plinto⁴. Começamos assim a fazer os exercícios na escola, os primeiros foram: supino reto, supino declinado, remada alta e supino inclinado.

Assim que os grupos iam fazendo seus trabalhos, os alunos e as alunas chegavam à escola com outros exercícios que tinham visto e aprendido no trabalho de campo solicitado. Muitos grupos também trouxeram fichas de treino das academias que visitaram. Desse modo,

³ Já tínhamos identificado, em uma pesquisa realizada pelo coordenador para o Projeto Pedagógico, os locais de moradia da maioria dos estudantes, além do Jardim Bonfiglioli, Rio Pequeno, Vila Gomes, Peri-Peri e Butantã.

⁴ Equipamento de ginástica composto por caixas de madeira que se sobrepõem formando um obstáculo alto. Podendo ser utilizado de diversas formas, inteiro ou em partes.

logo começamos a fazer outros exercícios: Agachamento, Tríceps deitado testa, Tríceps Francês e Mergulho (também conhecido como tríceps banco).

Terminado o prazo de entrega, fomos à sala de vídeo e assistimos todos os trabalhos. Muitos grupos visitaram academias de musculação. O bairro é repleto delas, umas mais baratas, outras mais caras. Em uma delas, não deixaram dois grupos de alunos e alunas entrarem, em outras, o próprio proprietário acompanhou os alunos, respondeu as perguntas da entrevista e demonstrou alguns exercícios. Muitos alunos encontraram em seus trabalhos de mapeamento outras ginásticas, além da musculação: *step*, *jump*, glúteos, abdômen, pilates, hidroginástica, yoga, ginástica estética, ginástica localizada, ginástica artística e ginástica aeróbica. Alguns grupos conseguiram entrevistar e filmar alunos e alunas que estavam se exercitando nos locais. Com uma cartolina na lousa, registramos as respostas das perguntas que nos orientaram.

Vimos que no entorno da escola, existem muitas academias de ginástica, visitamos seis delas. Além dos tipos e modalidades de ginásticas mapeadas, conhecemos os objetivos das pessoas em fazer ginástica, os resultados são em torno da estética e da saúde, seja mantendo ou transformando a condição física. Apenas no trabalho do professor um praticante afirmou que faz ginástica, porque precisa ter um bom condicionamento físico para trabalhar como chapa (ajudante) de caminhoneiro. Mesmo não aparecendo nas entrevistas nenhuma fala sobre o objetivo de socialização, ou seja, fazer amizades, “conhecer pessoas novas” e “bater papo”, os dois alunos que já frequentavam uma academia, o incluíram dizendo que conhecem muitas pessoas que têm apenas, ou também, esses objetivos sociais com a prática de ginástica na academia.

Outro grupo conseguiu entrevistar um praticante de musculação que tinha como objetivo competir em campeonatos de fisiculturismo. Muitos alunos não conheciam sobre essa modalidade, confundiram com levantamento de peso e campeonatos de *Strong-man*. Então, avisei os alunos e alunas (também fiz um registro particular) que futuramente precisaríamos conhecer a diferença entre esses três tipos de competição e suas relações com a musculação.

Outro grupo visitou o Clube Escola do bairro (Butantã), onde uma aluna desse grupo fazia ginástica localizada. Ela nos explicou que, prioritariamente as vagas são disponibilizadas para pessoas com mais de sessenta anos, mas ela conseguiu por ter indicação médica diante do diagnóstico de diabetes. Esse grupo filmou uma aula, e soubemos por eles, que lá a maioria eram mulheres e tinham objetivos terapêuticos ou de profilaxia de doenças (registrados como bem estar, qualidade de vida e melhoria da saúde).

Sobre o motivo de escolha dos locais de prática, vimos que os fatores de escolha são: proximidade com o trabalho ou residência, infraestrutura, variedade de modalidades e tipos de atividades, orientação de uma profissional, horário de funcionamento e preço/gratuidade.

Depois de assistirmos todos os trabalhos, voltamos à quadra para praticar aqueles exercícios que tínhamos visto na demonstração. Uns eram impossíveis de se fazer na escola, pois eram em máquinas. Um dos alunos, percebendo que a maioria dos exercícios que tínhamos feito era de “empurrar” perguntou se conseguiríamos fazer algo de “puxar” para as “costas”. Pensei na possibilidade de montarmos uma máquina de *pulley* com os pesos e a barra que já tínhamos mais uma corda e uma roldana. Na aula seguinte, tentamos e o resultado foi bem interessante, além dos exercícios denominados pelas fichas de “puxada costas” ou “*pulley* costas”, fizemos o “*tríceps pulley*” e o “*pull-down*”:

Conforme íamos vivenciando os exercícios, grifávamos nas fichas aqueles que já tínhamos feito na escola. Surgiam algumas dúvidas em relação à quais músculos eram acionados em cada exercício, tirávamos olhando nas próprias fichas o grupamento muscular que dividia os exercícios. Para nos ajudar um dos alunos nos trouxe impresso, ilustrações de vários exercícios com a musculatura acionada destacada na cor vermelha. Como ainda não sabíamos como eram alguns exercícios que estavam nas nossas fichas de treino, solicitei para os mesmos grupos, que trouxessem fotos, vídeos ou que gravassem eles mesmos executando os exercícios que faltavam.

Com o intuito de vivenciar outra modalidade de ginástica encontrada no entorno escolar, solicitei ao grupo que visitou o Clube Escola que nos ensinassem alguns exercícios de ginástica localizada. Tivemos duas aulas de ginástica localizada na quadra da escola, usamos colchonetes, e fizemos exercícios como: abdominais, flexões, barra, glúteos, abdução e adução de pernas, exercícios de agachamento e para panturrilha. Os alunos notaram que essa ginástica é bem parecida com a musculação e que alguns exercícios de ginástica localizada também aparecem nas fichas de musculação.

Um grupo de alunos de outra turma, visitou a Universidade de São Paulo (USP) e registrou pessoas praticando ginástica em equipamentos de musculação ao ar livre. Quando mostrei para os alunos e alunas da turma A, disseram que na praça de frente da escola também tinha esse tipo de equipamento. Assim, nas duas aulas seguintes, fomos à praça e experimentamos os equipamentos. Os alunos e alunas perceberam dois tipos diferentes de exercícios, na placa de informação dizia: aeróbicos e de resistência muscular localizada.

Nas aulas seguintes levei para os alunos um texto que explicava, a partir de referenciais científicos, como se produziam as contrações musculares, e por fim a diferença

entre os exercícios aeróbicos e exercícios anaeróbicos. Outra dúvida dos alunos, era sobre a hipertrofia. Expliquei com desenhos na lousa a partir do que eles e elas tinham visto no vídeo. Nas aulas seguintes aproveitei pra levar vídeos que falavam sobre o processo de hipertrofia, um deles era um fisiculturista, mostrando seu treino e sua alimentação, o outro era de um professor de fisiologia explicando a partir da citologia.

Voltamos a praticar os exercícios na quadra. Dessa vez, sabíamos, por conta dos vídeos, que o número de repetições e séries de cada exercício tem relação com o objetivo de cada indivíduo. Muitas repetições são para definição e resistência muscular, poucas repetições eram pra ganho de força.

Nas aulas seguintes, lembrei que precisava mostrar para os alunos competições de fisiculturismo, *strong-man* e levantamento de peso. Para isso, levei pequenos vídeos de homens e mulheres fisiculturistas, vídeos de strong-man e strong-woman, e outro mostrando pessoas praticando levantamento de peso. Os alunos perceberam que todas essas modalidades são praticadas por pessoas que praticam musculação. Viram que o fisiculturismo trata-se de um julgamento estético da definição e volume muscular dos competidores e competidoras; o *strong-man e strong-woman* eram competições com provas de força, dentre as elas: levantamento de pedras, tombamento de carro, arremesso de tora e puxada de caminhão; vimos também o “arranco” e “arremesso”, duas modalidades de levantamento de peso, vimos que o objetivo era ficar em pé e levantar a barra com anilhas até acima da cabeça.

De acordo com Neira (2011) um dos alicerces do currículo cultural de educação física é a ancoragem histórico-social dos conhecimentos. Assim, ancorar socialmente os conhecimentos amplia a possibilidade de compreensão e posicionamento crítico dos alunos com relação ao contexto social, histórico e político de produção e reprodução das práticas culturais. Com esse intuito, levei para os alunos um texto sobre a história da ginástica. Esse texto foi produzido por mim e era composto por excertos retirados tanto de textos de *blogs* da internet quanto de textos científicos⁵.

⁵ Além da história mais consensual, que relaciona o termo ginástica, do grego *Gymnastiké*, que em sentido literal significa "exercitar", citava também as versões que tratam do termo *gymnos* se referindo a nudez dos praticantes de ginástica e ao termo *gymnasium* (edifícios cobertos utilizados nos dias de chuva para treinamento específico). Fora esses, o texto contém um trecho sobre Mílon de Crotona, que por volta de 500 a.C., ainda pequeno fazia exercícios com um bezerro, posteriormente, já adulto e forte, fazia exercício com um touro. Ele representa uma versão quase mitológica sobre o princípio da sobrecarga que até hoje é importante na prática da musculação. Outra parte do texto falava que objetos de aproximadamente 2000 a.C., achados em escavações arqueológicas na China, eram pesos em forma de halteres, especialistas dizem que realmente eram usados para se exercitar. Outros dados que estavam no texto mostram que, por volta dos anos de 1200 a.C., testes físicos, muito semelhantes a exercícios ginásticos eram obrigatórios para os candidatos a entrar no exército chinês.

Já no fim do semestre fizemos uma avaliação do projeto. Escolhemos aleatoriamente alguns alunos e filmamos suas respostas. Perguntamos sobre o que eles tinham aprendido, quais os objetivos dos praticantes de ginástica e quais exercícios tinham feito. Notamos que os alunos e alunas tinham dúvidas e respondiam as perguntas com respostas superficiais e baseadas apenas no senso comum. Percebi então que no retorno do recesso precisaríamos rever algumas coisas estudadas no projeto. Nas duas primeiras semanas voltamos a realizar os exercícios, analisar os músculos acionados e os motivos das pessoas com a prática das ginásticas. Ainda nessa breve retomada, decidi que seria importante estudarmos outras modalidades de ginástica, diferentes das estudadas. Como essa turma, e outras duas, tinham encontrado em seus mapeamentos o ioga, propus que déssemos continuidade a esse projeto, agora com o ioga.

Assim como nas outras modalidades, tive que pesquisar bastante, pois havia feito apenas algumas poucas aulas. Conversando com os alunos e alunas, decidimos registrar nossas atividades pedagógicas em uma página do *facebook*. Lá, íamos postar fotos, vídeos, trabalhos e avaliar nosso projeto.

Nas aulas seguintes, com esse novo tema, levei para os alunos e alunas folhas com uma gravura ensinando as posições da *surya namaskar* (saudação ao sol). Fizemos seguindo as posições e respirações indicadas. Nesse novo mapeamento, soube que uma aluna de outra turma e duas professoras da escola faziam aulas de ioga. Nas aulas seguintes, solicitei uma pesquisa na sala de informática sobre algumas posições do ioga. Os alunos e alunas souberam que elas se chamam *ásanas* e que em sua maioria delas se baseiam na natureza, nas plantas e animais. Os alunos trouxeram várias imagens de *ásanas*, por várias aulas, tentamos reproduzi-las na escola, registramos tirando fotos e fazendo vídeos, fizemos isso por muitas aulas e registramos tudo na nossa página do *facebook*.

Depois convidei as professoras para nos darem uma aula de ioga. Uma delas, professora de ciência, se dispôs e conseguimos fazer duas aulas sob a orientação dela. Iniciou contando onde faz aulas, como e porque começou a praticar. Foi muito bacana, aprendemos exercícios de respiração chamados *pranayamas* e algumas *ásanas* que ela propôs nós já sabíamos por conta da pesquisa. Lembro da fala de um aluno que antes desconfiado disse: “Professor, eu achava que o que estávamos fazendo não era ioga. Achava que estávamos errados, mas é igual o que a professora faz”.

Ainda nas primeiras pesquisas, utilizei algumas revistas que umas das professoras me emprestou. Vi em uma delas um site que disponibilizava gravações de mestres de ioga recitando estratégias de meditação. Como essas práticas de meditação compõem o ioga, junto

com as *ásanas*, *pranayamas* e os mantras, propus uma atividade de meditação numa sala de aula. Os alunos vivenciaram, mas preferiram as outras formas.

Nas aulas seguintes, pensando em atividades de ressignificação, pedi para os alunos e alunas que formassem grupos e elaborassem suas próprias *ásanas*, e a partir delas, que criassem sequências com essas posições. Depois de algumas aulas de criação e ensaio, os grupos se apresentaram para a sala, inventaram baseados em outros temas além da natureza e dos animais, e batizaram algumas das novas posições com os nomes: ponte de dois, gigante, cadeira quebrada, *transformers*, bola gigante, entre outros.

Precisávamos ainda ancorar social e historicamente o ioga. Para isso, levei para os alunos um texto da internet⁶ com trechos dos Vedas⁷ e com os escritos de Patanjali, o mestre que descreveu o ioga clássico:

A partir do (Upanishad) e nos Shastra (compêndios) tântricos mais antigos, o *yoga* foi cantado nos Puranas (fábulas e lendas), que afirmam que certa vez o Deus Shiva (um dos aspectos da trindade hindu) ensinava sua esposa Parvati as posições (*ásanas*) do *yoga* à beira de um lago e um peixe (*matsya*) que observava Shiva e Parvati praticando os exercícios, os imitou e evoluiu até se transformar em homem.

(...) Patanjali, um sábio indiano que se atribui a codificação do Yoga, no fim do terceiro século antes de Cristo, confessa no capítulo I, versículo 1 do Yoga-Sutra que, em suma, sua tarefa foi somente a de editar e corrigir as tradições doutrinárias e técnicas do Yoga. Contudo, foi graças a Patanjali que o Yoga passou a ser um sistema filosófico (*darshana*) na Índia e para o resto do mundo.

(...) A Índia é, antes de mais nada, a pátria-mãe do *yoga*. Lá existe uma imensidão de escolas, templos, mosteiros e clínicas que pesquisam, ensinam e aplicam tratamento de *yoga*. A história do *yoga* se perde no tempo. Sabe-se, no entanto, que essa filosofia-religião é a soma da evolução de várias épocas e hoje representa uma prática muito difundida no mundo todo. No Ocidente, porém, são poucos aqueles que conhecem mais profundamente o *yoga*, contentando-se somente em exercitar suas posturas (*ásanas*).

(...) Antes da prática, portanto, é indispensável se compreender o *yoga* em sua totalidade - as posturas e teorias, buscando dessa forma atingir o objetivo primeiro do *yoga*: a evolução humana.

Por meio desse texto, os alunos e alunas tiveram acesso a algumas figuras da mitologia hindu como *Shiva*, *Parvati* e *Ganesh*. Virão que o ioga está intimamente relacionado com a cultura e a religião hindu e que no ocidente predominou a prática das *ásanas*, como o objetivo

⁶ Disponível em 12 de agosto de 2013 <<http://www.arteesociedade.com/YOGA.htm>>

⁷ Livros da sabedoria, se dividem em quatro: *Rig Veda*, *Sarna Veda*, *Yajur Veda* e *Atharva Veda*.

único de tirar o estresse ou relaxar os praticantes, sem qualquer relação com outras etapas, ou passos, que são necessários para evolução. Para alguns tipos de ioga, uma dessas etapas é a recitação de mantras. Continuando com a ancoragem social e histórica dos conhecimentos, solicitei outra pesquisa sobre alguns deuses do hinduísmo e seus respectivos mantras. Os alunos postaram fotos dos deuses e deusas na nossa página do *facebook* e já encerrando o projeto, escutamos os mantras e suas traduções em sala de aula.

Com o objetivo de avaliar o que os alunos e alunas tinham aprendido com esse projeto pedi que registrassem um comentário na página do *facebook* contendo uma relação entre os conhecimentos sobre as ginásticas que foram tematizadas nesse grande projeto (musculação, ginástica localizada e musculação) e por fim, avaliassem o projeto: “Não existe competição de *yoga*, ela é praticada principalmente por pessoas que procuram bem-estar, qualidade de vida, relaxamento, diminuir o estresse, mas também por pessoas que procuram melhorar o condicionamento físico, ficar mais fortes e definidas”; “*yoga* é esvaziado da cultura dos indianos quando é ensinado nas academias”; “o *yoga* é muito antigo e existem vários tipos” e “A musculação fala de trabalhar os músculos, a ginástica artística fala de fazer os exercícios e acrobacias, a *yoga* de meditar, de aumentar o *prāna* (energia vital) e liberar os *chakras*”. De forma geral, todos demonstraram alguns saberes e conhecimentos sobre as ginásticas do entorno e as questões que balizaram nossas tematizações e problematizações.

Referencias Bibliográficas

- BRASIL. **Ministério da Educação**. Programa mais educação: passo a passo. 2012.
Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso _maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf)> Acesso em: 13 de junho de 2012.
- SÃO PAULO. **Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica**. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental : ciclo I / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2007.
- McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.
- NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural de educação física em ação: a perspectiva dos seus autores. **Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Livre-Docente em Metodologia do Ensino de Educação Física**: São Paulo, 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3º edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.